

## Estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres vítimas de violência

*Coping strategies adopted by women victims of violence*

*Estrategias de enfrentamiento adoptadas por mujeres víctimas de violencia*

Láís Costa<sup>I</sup>; Rayane Gonçalves Lordes<sup>II</sup>; Dherik Fraga<sup>III</sup>; Nathália Miguel Teixeira Santana<sup>IV</sup>;  
Susana Bubach<sup>V</sup>; Franciéle Marabotti Costa Leite<sup>VI</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** analisar as estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres vítimas de violência. **Método:** descritivo, quantiqualitativo, realizado com 19 mulheres, vítimas de violência, atendidas na Central de Apoio Multidisciplinar em Serra, Espírito Santo, no ano de 2013. Utilizou-se entrevista semiestruturada e gravação para coleta de dados socioeconômicos e da violência. Aplicou-se a análise de conteúdo dos depoimentos obtidos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** prevaleceram mulheres com idade igual e inferior a 39 anos, ensino médio completo, renda própria e familiar de um a dois salários mínimos, evangélicas. As categorias temáticas desveladas a partir dos depoimentos foram: enfrentamento da violência com foco no problema (42,1%), enfrentamento da violência com foco na emoção (26,3%), enfrentamento da violência com foco na emoção e religião (21,1%) e enfrentamento da violência com foco na emoção e no problema (10,5%). **Conclusão:** as mulheres em situação de violência vivenciam diferentes modalidades de enfrentamento desse agravo, com foco no problema, emoção e religião.

**Descritores:** Violência contra a mulher; Adaptação psicológica; Saúde da mulher; Enfermagem.

### ABSTRACT

**Objective:** to examine the coping strategies adopted by women victims of violence. **Method:** in this quanti-qualitative, descriptive study of 19 women victims of violence, who attended the Multidisciplinary Support Center in Serra, Espírito Santo, in 2013, semi-structured interview and recording were used to collect socioeconomic and violence data. Content analysis was applied to the testimonies. The study was approved by the research ethics committee. **Results:** the women were predominantly aged 39 years or less, had completed secondary education, had their own income, a family income of 1 to 2 minimum wages, and were Evangelicals. The themes recovered from their accounts were: combating violence by focusing on the problem (42.1%), combating violence by focusing on emotion (26.3%), combating violence by focusing on emotion and religion (21.1%), and combating violence by focusing on emotion and the problem (10.5%). **Conclusion:** women in situations of violence experienced different manners of coping with this disorder, by focusing on the problem, emotion and religion.

**Descriptors:** Violence against women; Adaptation, psychological; Women's health; Nursing.

### RESUMEN

**Objetivo:** analizar las estrategias de enfrentamiento adoptadas por mujeres víctimas de violencia. **Método:** descriptivo, cuantitativo y cualitativo, realizado junto a 19 mujeres, víctimas de violencia, atendidas en la Central de Apoyo Multidisciplinario en Serra, Espírito Santo, en 2013. Se utilizó una entrevista semiestructurada y grabación para recolección de datos socioeconómicos y de la violencia. Se aplicó el análisis de contenido de las declaraciones obtenidas. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación. **Resultados:** prevalecieron mujeres cuya edad es de 39 años o menos, liceo completo, ingresos propios y familiares de uno a dos salarios mínimos familiares y evangélicas. Las categorías temáticas desveladas a partir de las declaraciones fueron: enfrentamiento de la violencia con foco en el problema (42,1%), enfrentamiento de la violencia con foco en la emoción (26,3%), enfrentamiento de la violencia con foco en la emoción y la religión (21,1%) y enfrentamiento de la violencia con foco en la emoción y en el problema (10,5%). **Conclusión:** las mujeres en situación de violencia experimentan diferentes formas de afrontamiento de esta enfermedad, centrándose en el problema, la emoción y la religión.

**Descriptores:** Violencia contra la mujer; Adaptación psicológica; Salud de la mujer; Enfermería.

## INTRODUÇÃO

A violência é definida como uso intencional de força ou poder, através de ameaça ou agressão real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, prejuízos psicológicos, problemas de desenvolvimento ou privação<sup>1</sup>. Esse fenô-

meno é determinado na tradição cultural, organização social, estruturas econômicas e nas relações de poder, sendo praticado contra a pessoa do sexo feminino, simplesmente pela sua condição de mulher, suscitando uma relação pautada na desigualdade, na discriminação, na subordinação e no abuso de poder<sup>2</sup>.

<sup>I</sup>Enfermeira. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Brasil. E-mail: lais.costa87@hotmail.com

<sup>II</sup>Enfermeira. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Brasil. E-mail: rayane\_lordes@hotmail.com

<sup>III</sup>Mestrando em Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Brasil. E-mail: dherik@msn.com

<sup>IV</sup>Mestre em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Brasil. E-mail: nathalia.miguel@hotmail.com

<sup>V</sup>Doutora em Epidemiologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo. ES, Brasil. E-mail: sbubach@gmail.com

<sup>VI</sup>Doutora em Epidemiologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Vitória, ES, Brasil. E-mail: francielemarabotti@gmail.com

Desde a década de 90, a violência contra as mulheres é reconhecida internacionalmente como uma questão de saúde pública, quando deixou de ser tratada apenas como violência entre cônjuge e mulher ou como uma questão de foro privado, e passou a ser tratada como um problema de saúde pública. No mundo, uma em cada seis mulheres sofre violência doméstica, sendo que em 60% dos casos a violência foi perpetrada por marido ou companheiro<sup>3</sup>.

No Brasil, os números são alarmantes acerca da violência contra a mulher, uma em cada cinco brasileiras declara ter sofrido algum tipo de violência por parte do homem. Estudo realizado em Vitória, Espírito Santo, mostrou que, no último ano, cerca de 25% das usuárias do serviço de saúde já vivenciaram violência psicológica cometida pelo parceiro íntimo, e aproximadamente 10% foram vítimas de agressão física<sup>4</sup>. A mortalidade de mulheres vítimas de agressão não diminuiu mesmo após a aprovação da Lei Maria da Penha, em 2007. As taxas de mortalidade por 100 mil mulheres (vítimas de agressões) foram 5,28 no período entre os anos 2001 e 2006 (antes da Lei) e 5,22 no período entre 2007 e 2011<sup>5</sup>.

Na primeira agressão, as mulheres criam expectativa positiva de que não sofrerão nova violência, resultando em omissão da queixa formal na Delegacia da Mulher<sup>6</sup>. Nesse sentido, a vítima de violência utiliza o silêncio como estratégia de sobrevivência, na tentativa de impedir que ocorram mais brigas e conflitos, a fim de poupar a família<sup>7</sup>. Entretanto, quando a vítima avalia a situação como desafiadora, verifica-se a mobilização dos esforços de enfrentamento. Essa situação envolve emoções como excitação, esperança e confiança<sup>8</sup>.

Diante do exposto, esse artigo teve por objetivo analisar as estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres vítimas de violência, visando aprofundar os estudos acerca do fenômeno, e dessa maneira, propiciar a ampliação do conhecimento dos distintos caminhos percorridos pela mulher em situação de violência, bem como subsidiar a implementação de intervenções interdisciplinares.

## REVISÃO DE LITERATURA

Uma em cada cinco brasileiras declara ter sofrido algum tipo de violência por parte do homem e pelo menos 6,8 milhões já foram espancadas ao menos uma vez. Mais da metade das vítimas não pede ajuda, e quando ocorre, são em casos considerados, por elas, graves, como ameaças com armas de fogo, espancamento, e pouco mais da metade dessas vítimas recorre à ajuda, sendo esta feita por parte de outra mulher da família ou amiga próxima<sup>9</sup>.

O enfrentamento da violência representa para elas uma tentativa de exercer algum controle sobre o ambiente e os acontecimentos, tentando facilitar uma melhor adaptação à situação<sup>8</sup>. Vale destacar que, o enfrentamento, principalmente, quando sair do relacionamento abusivo não é viável, dentre as estratégias

adotadas, revela a distração, a reavaliação positiva sobre si mesma, a definição de limites, os planos de vida e a busca por apoio social<sup>10</sup>.

A vivência da violência envolve vários sentimentos, muitas vezes ambíguos e contraditórios. As mulheres vitimizadas vivem entre o medo, a raiva, a indignação e a surpresa em relação à reação agressiva do companheiro<sup>11</sup>. Vale considerar que, a maioria das mulheres permanece nas relações porque sentem vergonha, dependem financeiramente do agressor, tem medo da solidão, preocupam-se com a manutenção e sofrimento dos filhos, mantêm a esperança de que a violência irá cessar e devido à falta de apoio familiar e social<sup>12</sup>.

Somados a esses fatores, as mulheres geralmente permanecem em relacionamentos violentos por terem vivenciado história familiar, onde havia agressão entre os pais ou pessoas próximas a ela, propiciando a repetição desse modelo em sua própria relação conjugal. Isso por acreditar na mudança de atitude do marido/companheiro e/ou acreditar na incapacidade de viver sem o marido/companheiro e um pai para os filhos<sup>13,14</sup>. Nesse contexto, as mulheres em situação de violência frequentemente utilizam ferramentas e estratégias de enfrentamento para lidar com o problema.

As estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mulheres passam pelas questões de gênero e dos contextos socioculturais que, de forma transversal, perpassam os significados, as posturas adotadas e as formas de expressão da violência contra a mulher, e que têm relação direta com o sucesso ou não das estratégias utilizadas. As redes pessoais ou sociais têm papel importante na ruptura da violência<sup>15</sup>, pois o auxílio que uma pessoa recebe dessas redes, de recursos materiais, entre outras variáveis, influencia no modo como ela avalia uma situação como estressora ou não, e na escolha das ferramentas que utilizará para lidar com a situação<sup>16</sup>.

## METODOLOGIA

Estudo descritivo, de abordagem quantitativa, realizado na Central de Apoio Multidisciplinar (CAM) em Serra, Espírito Santo, que atende Varas de Família, Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. A equipe da CAM é composta por: quatro assistentes sociais e dois psicólogos. A pesquisa qualitativa apreende a complexidade do fenômeno, trazendo para a análise o subjetivo e o objetivo dos sujeitos sociais, de acordo com suas visões de mundo<sup>17</sup>.

Participaram do estudo 19 mulheres vítimas de violência encaminhadas à CAM, após abertura de boletim de ocorrência na Delegacia de Atendimento à Mulher do município de Serra, em 2013. A inclusão no estudo foi aleatória, baseada no critério de saturação dos dados, ou seja, na reincidência das informações<sup>18</sup>. A amostragem por saturação é uma ferramenta conceitual comumente empregada nas investigações qualitativas

em diferentes áreas no campo da Saúde. É utilizada para estabelecer o tamanho final da amostra em um estudo, cessando a captação de novos componentes<sup>19</sup>.

Foram convidadas a participar da pesquisa, pela ordem de chegada ao serviço, mulheres que aguardavam na sala de espera. A coleta dos dados ocorreu nas dependências da CAM, no período de novembro de 2012 a julho de 2013. Os critérios de inclusão foram: idade superior a 18 anos e ter sofrido algum tipo de violência.

Antes do início da pesquisa, as mulheres foram comunicadas quanto aos objetivos da pesquisa, por meio da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Diante do aceite, solicitou-se a assinatura no TCLE e, em seguida, iniciada a entrevista. Para garantir o sigilo das informações e o anonimato das participantes, nos resultados, os depoimentos foram codificados pela letra E, referindo-se à palavra entrevistada, e números arábicos, compondo os códigos E1, E2, E3, E4 ... , de acordo com a sequência em que foram entrevistadas.

Os dados da pesquisa foram obtidos por roteiro de entrevista com questões de caracterização da participante (faixa etária, grau de instrução, renda própria, renda familiar e religião) e uma pergunta aberta, sobre as estratégias de enfrentamento adotadas, atendendo à questão norteadora do estudo: *Quando começou a sofrer violência como você buscou enfrentar essa situação?* A entrevista ocorreu em sala reservada, após o atendimento da equipe multidisciplinar, para não atrapalhar o fluxo do serviço.

Os depoimentos foram gravados e transcritos na íntegra. O tratamento dos dados ocorreu por análise de conteúdo, composta de três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; e interpretação<sup>20</sup>. A primeira etapa constitui-se da fase de organização, utilizando como procedimento a leitura flutuante; na segunda etapa, os dados foram codificados a partir das unidades de registro; e na terceira etapa realizou-se a categorização, classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, e em seguida, o reagrupamento, em função de características comuns<sup>19</sup>. Assim, emergiram quatro categorias: Enfrentamento da violência com foco no problema; Enfrentamento da violência com foco na emoção; Enfrentamento da violência com foco na emoção e religião; e Enfrentamento da violência com foco na emoção e no problema.

Para a abordagem quantitativa, aplicou-se o método estatístico, mediante a apresentação da frequência absoluta e percentual das variáveis sociodemográficas das participantes (em tabela) e das categorias temáticas.

O projeto deste estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sendo aprovado sob o Parecer número 195.469.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização das participantes

Foram analisados os atributos das mulheres – faixa etária, grau de instrução, renda própria e familiar e religião, conforme mostra a Tabela 1.

Das 19 mulheres elegíveis, observou-se que 15(79,0%) tinham idade menor ou igual a 39 anos. Estudo documental realizado em Ribeirão Preto também verificou que a maioria das mulheres vítimas de violência doméstica (56,2%) se encontra na faixa etária entre 20 e 39 anos<sup>21</sup>. O predomínio da ocorrência de agressão entre mulheres jovens pode ocorrer em virtude dos padrões culturais, dos quais o corpo belo desperta a atenção, o que pode provocar em alguns homens insegurança e práticas autoritárias violentas, explicando a predominância da ocorrência de agressão<sup>22</sup>.

Quanto à escolaridade, 9 (47,4%) participantes da presente pesquisa possuíam Ensino Médio completo, contrária à situação verificada por outros estudos, em que a maioria das vítimas de violência apresentavam baixo nível de escolaridade. Estudo realizado em Florianópolis exemplifica essa relação, pois identificou o predomínio do Ensino Fundamental completo e incompleto entre as vítimas de violência<sup>15</sup>. Outra pesquisa desenvolvida em Curitiba também constatou que 59,7% das mulheres que sofreram todos os tipos de violência possuíam Ensino Fundamental incompleto<sup>23</sup>.

A maioria das participantes (84,2%) afirmou possuir renda própria, porém 9(47,4%) têm renda familiar mensal de até dois salários mínimos. Apesar das mulheres apresentarem baixa renda, ter renda própria

TABELA 1: Características gerais das vítimas de violência participantes do estudo. Serra, Espírito Santo, 2013.

Variáveis	f	%
<b>Faixa etária</b>		
≤ 39	15	79,0
40 - 49	2	10,5
50 - 59	2	10,5
<b>Grau de Instrução</b>		
Até ensino Fundamental	8	42,1
Ensino Médio Completo	9	47,4
Ensino Superior Completo	2	10,5
<b>Possui renda própria</b>		
Sim	16	84,2
Não	3	15,8
<b>Renda Familiar</b>		
Até 2 salários mínimos	9	47,4
De 2 até 4 salários mínimos	6	31,6
Mais de 4 salários mínimos	4	21
<b>Religião</b>		
Não possui	4	21,0
Evangélica	12	63,2
Católica	3	15,8
<b>Total</b>	19	100

reduz a vulnerabilidade em relação à violência, pois a ausência de renda, ou ainda, não possuir uma autonomia financeira pode dificultar a tomada de decisão no sentido de romper com o relacionamento violento<sup>24</sup>. Assim, a renda é uma importante ferramenta na tomada de decisão para o rompimento do ciclo da violência.

No que compete à religiosidade, 12(63,2%) referiram ser evangélica. Segundo investigação realizada em Fortaleza, 80% das mulheres vítimas de violência doméstica eram católicas e apenas 11% declaravam-se evangélicas<sup>25</sup>. Vale destacar que, para as mulheres evangélicas, há fraqueza quanto às denúncias, pois o que era seu direito de não sofrer violência é compreendido como falta de fé na promessa divina de transformação de seu marido<sup>26</sup>.

Mulheres que são agredidas geralmente utilizam estratégias de enfrentamento para conseguirem sobreviver à relação violenta dentro da família ou como forma de superar tal ocorrência<sup>15</sup>. No presente estudo, ao serem questionadas sobre quando começaram a sofrer violência, como buscaram enfrentar essa situação, a partir das falas das entrevistadas, as seguintes categorias temáticas foram desveladas: 8 (42,1%) enquadraram-se na categoria *enfrentamento da violência com foco no problema*; 5(26,3%) apresentaram relatos na categoria *enfrentamento da violência com foco na emoção*; 4 (21,1%) em *enfrentamento da violência com foco na emoção e religião*; e 2 (10,5%) buscaram *enfrentamento da violência com foco na emoção e no problema*.

O modelo de estratégias de enfrentamento adotado<sup>27</sup> envolve quatro conceitos principais: enfrentamento como processo ou interação, que se dá entre indivíduo e ambiente; sua função é administrar a situação estressora, ao invés de controlar e dominá-la; esses processos pressupõem como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do sujeito; o processo de enfrentamento constitui-se de mobilização de esforços, pelo qual os sujeitos empreendem esforços cognitivos e comportamentais para administrar essa situação, ou seja, reduzindo, minimizando ou tolerando as demandas internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente<sup>28</sup>.

### Enfrentamento da violência com foco no problema

Na estratégia de enfrentamento com foco no problema, percebe-se que no enfrentamento da violência há um esforço para mudar a situação vivenciada, alterando o problema existente. Essa estratégia visa enfrentar a situação, sendo considerada a mais útil e direcionada para a realidade, com o objetivo de minimizar e/ou eliminar a fonte estressora, que no caso é a violência sofrida<sup>29</sup>. Estes achados são evidenciados nas falas de duas entrevistadas:

*Eu tentava conversar, ou às vezes falando que eu poderia chamar a polícia ou alguma coisa mesmo. Eu mesma que tomei atitude de tudo. (E1)*

*Tentava conversar. (E6)*

Outra forma adotada pelas mulheres para tentar enfrentar a situação foi reagir à violência. Pesquisa revela que agressões de mulheres contra os companheiros são consideradas leves, como empurrões e tapas, e as dos homens, mais graves e violentas<sup>30</sup>. Esse dado também se revelou nessa pesquisa:

*Abaixar a cabeça, nunca, jamais. Porque eu não sou saco de pancadas. Se quer vim em cima, eu vou em cima. É um modo de eu me defender, quer me machucar, também vou machucar [...]. (E5)*

As mulheres possuem dificuldades em livrar-se da violência doméstica, e somente quando percebem que todas as tentativas e negociações se esgotaram, e que a violência pode chegar ao extremo, é que partem para o enfrentamento da questão. A denúncia mais efetiva pode ser obtida quando as mulheres entendem sua vulnerabilidade, a gravidade da violência, os benefícios e os problemas em se tomar essa decisão<sup>12</sup>.

A intenção das mulheres ao denunciar a violência em uma delegacia apoia-se na possibilidade do fim da relação estabelecida com o companheiro, expressando a não aceitação da relação que representa para si um incômodo<sup>31</sup>.

*[...] fui na delegacia da mulher [...]. (E8)*

*Procurei resolver a situação na justiça. Busquei ajuda no fórum mesmo. (E3)*

*[...] a única força que busquei foi da polícia. Foi quando dei parte dele na Lei Maria da Penha. (E2)*

*Pedi ajuda aos vizinhos, minha vizinha. Chamava: 'Gente, pelo amor de Deus, me ajuda, ele vai me matar [...], chama a polícia, me ajuda.' Então eu só tinha quem? Os vizinhos para me ajudar, até que têm vizinhos que não vão porque têm medo, e, ligaram para a polícia. (E10)*

*Busquei ajuda de uns amigos que foram lá em casa, que me ajudaram. Chamada a polícia, e assim, ele foi levado pela polícia. (E4)*

### Enfrentamento da violência com foco na emoção

O foco na emoção evidencia estratégias dotadas de elevada carga emocional, as quais resultam de processos de autodefesa, desencadeando mecanismos de distanciamento, fuga e esquivas, que servem de escudo e evitam o confronto do indivíduo com o estressor<sup>27</sup>.

Eu sempre saía de casa, sempre ia para casa de minha mãe. Toda vez que eu via que ele ficava muito alterado, eu já ia antes para ele não começar a brigar. (E9)

*Eu ficava na minha, mais na minha. Eu guardava para mim. (E7)*

*Para enfrentar, eu nunca tomei uma atitude, eu ficava na minha, ficava parada, eu iria enfrentar uma pessoa naquele estado que estava? Então é como eu te falei, eu ficava quietinha. (E14)*

*Às vezes eu me calava, às vezes eu saía de casa, às vezes ficava uma semana na casa do meu pai. Eu sei que, assim, eu procurava sair de casa, para esquecer um pouco do tormento. (E16)*

*Chorar e sentar no quarto. (E13)*

Quando centradas na emoção, as estratégias de enfrentamento tentam substituir ou regular o impacto emocional do estresse no indivíduo, originando-se principalmente de processos defensivos, fazendo com que as pessoas evitem confrontar conscientemente com a realidade de ameaça<sup>32</sup>.

Nas estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção, a pessoa se concentra no alívio das emoções associadas com a situação estressante, mesmo que esse problema, não seja resolvido. A pessoa tenta impedir que suas emoções negativas a domine e a impossibilite de agir para resolver seus problemas. Esse tipo de enfrentamento também é utilizado quando um conflito é incontrolável<sup>25</sup>.

### **Enfrentamento da violência com foco na emoção e religião**

Como destacado anteriormente, a modalidade de enfrentamento com foco na emoção é indicativa da presença de dificuldades emocionais, associadas a emoções negativas e comportamento de esquiva, apontando dificuldades em lidar com a situação<sup>33</sup>.

A prática religiosa e/ou a religiosidade, ao proporcionar outro significado e fortalecimento pessoal na vida sofrida das pessoas mais penalizadas, pode causar maior envolvimento com sua realidade e a busca de soluções para os problemas do cotidiano<sup>34</sup>. Nota-se que essa estratégia tem papel de relevância no enfrentamento da violência. A crença em Deus, o otimismo e o pensamento positivo possuem influências no incremento de respostas adaptativas às situações difíceis, conforme apresentado nos relatos das participantes:

*Eu tentava sair, eu corria. Buscava força em Deus. (E11)*

*Evitava confronto. Qualquer situação que eu visse que a nossa ideia ia se confrontar, eu deixava. Buscava frequentar a Igreja. (E15)*

*Deus foi meu psicólogo, meu amigo, meu ajudador. Eu me calava, preferia me calar para evitar a violência. Para evitar a questão da agressão física, eu me calava. (E12)*

A violência perpetrada pelo agressor é combatida pelo poder da oração<sup>26</sup>. Certas mulheres declaram que a religião ajuda no enfrentamento da violência e que através da fé elas podem combatê-la, pois será um subsídio de fortalecimento para reação e luta frente à violência<sup>35</sup>.

*Eu encontrava refúgio em Deus, porque eu não tinha quem me protegesse. Se eu não tivesse muita fé em Deus, eu não estaria viva agora. Eu pedia muito a Deus e confiava que eu iria sair dessa situação. (E17)*

### **Estratégias de enfrentamento com foco na emoção e no problema**

Novos modelos de enfrentamento podem ser aprendidos<sup>36</sup>, assim como podem ser utilizados e rejeitados, significando que uma pessoa pode se desfazer dos recursos que utilizava para trocar por outros mais

eficazes no enfrentamento de seu problema. Nota-se nos discursos que algumas participantes da pesquisa procuraram ajuda, para minimizar o estresse e o sofrimento gerado pela violência, e assim buscaram soluções para o problema enfrentado. Com isso, utilizaram o que se denomina de estratégias de enfrentamento focadas na emoção e no problema, conforme a literatura<sup>30,36,37</sup>.

*Até 1997 eu aceitava tudo. Aí, em 98, eu tomei a primeira iniciativa de denunciá-lo. Ai depois eu voltei atrás e tirei a denúncia. Até que agora resolvi dar prosseguimento desde janeiro de 2012. (E19)*

Característica comum, àqueles que praticam a violência psicológica contra a mulher, é a habilidade de utilizar os filhos como alvo todas as vezes que deseja atingi-la<sup>37</sup>.

*Chorava, chorava e chorava. Mas eu mesma tomei decisão e fui para a polícia, porque agora ele começou a agredir as crianças, não só eu e tocou nos meus filhos e isso doeu. Quando estávamos só nós dois tudo bem, mas, partiu para o lado dos meus filhos, aí a história muda. (E18)*

Os dados apresentados permitem refletir sobre a importância da abordagem da violência contra a mulher como um fenômeno complexo, determinado por questões relacionais, sociais, culturais, econômicas e estigmas de gênero. Os profissionais de saúde, nas abordagens individuais ou coletivas, devem promover constantemente debates acerca das questões éticas, da violação e da promoção dos direitos da mulher, permitindo a construção de estratégias que gerem mudança nas condições de enfrentamento do agravo, promovendo saúde e cidadania<sup>15</sup>.

A intervenção na estrutura e recursos humanos na área de saúde podem proporcionar ações de mudança e enfrentamento da violência. A inserção deste conteúdo na formação de profissionais de saúde contribui para o desenvolvimento de saberes e competências, críticas reflexivas, instrumentalizando o profissional para o cuidado coletivo e individual. Além disso, a reorganização dos serviços de assistência à mulher vítima de violência, articulada à promoção de ações intersetoriais, fortalece as redes de apoio e as equipes multidisciplinares<sup>38</sup>. Nesse cenário, tornam-se primordiais a educação em saúde, a notificação compulsória, bem como estimular e promover o acesso da mulher aos serviços de saúde e de proteção contra a violência doméstica<sup>21</sup>.

## **CONCLUSÃO**

Quatro categorias emergiram a partir da análise dos depoimentos das participantes: Enfrentamento da violência com foco no problema, Enfrentamento da violência com foco na emoção, Enfrentamento da violência com foco na emoção e religião e Enfrentamento da violência com foco na emoção e no problema.

Percebe-se que as mulheres buscam de alguma forma solucionar a violência, utilizando como enfrentamento o foco no problema. Para elas, é necessário

grande esforço, a fim de mudar a situação vivenciada. Com isto, utilizam-se do apoio da família, de amigos, da segurança pública ou buscam forças internas para tal enfrentamento.

A religião constitui uma estratégia que merece destaque. A religiosidade na vida das mulheres agredidas mostrou-se de grande importância ao se enfrentar esse agravo. A crença em uma força superior aumenta o otimismo e o pensamento positivo, influenciando nas respostas às situações estressoras. Outra estratégia observada, também adotada pelas vítimas e evidenciada neste estudo, é a utilização de autodefesa, distanciando-se ou fugindo do problema.

A violência contra a mulher e a coerção aos seus direitos de cidadã não podem ser encarados como algo normal e necessitam ser desveladas, discutidas, objetivando extinguir esse ciclo, sendo necessárias políticas públicas que fortaleçam as redes de apoio sociais existentes.

Por fim, as principais limitações deste trabalho foram o número limitado de estudos, que discutam as formas de enfrentamento da violência por parte das mulheres vitimizadas, e a reduzida amostra estudada, a qual impede a generalização dos resultados. Nessa pesquisa, foram estudadas somente mulheres que buscaram, de alguma forma, romper com o ciclo de violência, de modo que as estratégias de enfrentamento aqui apontadas se referem a esse grupo em especial, e não as inúmeras vítimas que não conseguem se desvencilhar da violência.

## REFERÊNCIAS

- Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. Informe mundial sobre la violencia y la salud. Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 2003 [citado em 06 maio 2017], 45(3):130. Disponível em: <http://revistas.usp.br/rimtsp/article/view/30710/32594>.
- Oliveira RC, Cavalcanti ECT. Políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero. Rev. periferia. 2017. [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 2017 [citado em 06 dezembro 2017]; 9(2):121-38. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/28829/22114>.
- Organização Mundial da Saúde [site de internet]. Estudo fundamental sobre violência doméstica [citado em 03 maio 2017]. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/mulheres/5651>.
- Leite FMC, Amorim MHC, Wehrmeister FC, Gigante DP. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. Rev. saúde pública (Online). [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 2017 [citado em 21 mar 2017];51:33. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt\\_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006815.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006815.pdf)
- Garcia LP, Freitas LRS, Silva GDM, Hofelmann DA. Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [site de internet]. [citado em 25 out 2017] Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925\\_sum\\_estudo\\_femicidio\\_leilagarcia.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf).
- Marques TM, Coleta MFD. Atribuição de causalidade e reações de mulheres que passaram por episódios de violência conjugal. Temas psicol. (Online). 2010; 18(1):205-18.
- Diniz GRS, Pondaag MCM. A face oculta da violência contra a mulher: silêncio como estratégia de sobrevivência. In: Almeida AMO. Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília;2006. p. 233-59.
- Peniche ACG, Chaves EC. Algumas considerações sobre o paciente cirúrgico e a ansiedade. Rev. latinoam. enferm. (Online). 2000; 8(1):45-50.
- Fundação Perseu Abramo [site de internet]. A mulher brasileira nos espaços público e privado [citado em 02 maio 2017]. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/livros/mulher-brasileira-nos-espacos-publico-e-privado>.
- Parker G, Lee C. Relationship among abuse characteristics, coping strategies, and abused women's psychological health: a path model. J. interpers. violence. 2007; 22(9):1184-98.
- Leite FMC, Moura MAV, Penna LHG. Percepções das mulheres sobre a violência contra a mulher: uma revisão integrativa da literatura. Av. enferm. 2013; 31(2):136-46.
- Parente EO, Nascimento RO, Vieira LIES. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. Rev. Estud. Fem. (Online). 2009; 17(2):445-65.
- Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço [internet]. Brasília (DF): Editora MS; 2001. [citado em 21 out 2017]. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/cd05\\_19.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/cd05_19.pdf).
- Silva LL, Coelho EBS, Caponi SNC. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. Interface comun. saúde educ. 2007; 11(21):93-103.
- Santos ACW, Moré CLOO. Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. Paideia [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 2011 [citado em 28 out 2017].;21(49):227-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/10.pdf>.
- Moré CLOO. As redes sociais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. Paidéia. 2005; 15(31):267-97.
- Nakano AMS. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser o corpo para o filho e de ser o corpo para si. Cad. Saúde Pública (Online). 2003; 19(2):355-63.
- Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública (Online). 2008; 24(1):17-27.
- Caregnato RCA, Mutti R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto & contexto enferm. 2006; 15(4):679-84.
- Minayo MCS. Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. Rev. bras. edu. méd. 2005; 29(1):55-63.
- Bozzo ACB, Matos GC, Beraldi LP, Souza MD. Violência doméstica contra a mulher: caracterização dos casos notificados em um município do interior paulista. Rev. enferm. UERJ. 2017; 25:e11173.
- Guerra C. Descortinando poder e a violência nas relações de gênero: Uberlândia-MG 1980/1985. [dissertação de mestrado] São Paulo: Universidade de São Paulo; 1998.
- Lambrocini LM, Ferraz MIR, Trigueiro TH, Fegadolli D. Perfil da violência contra as mulheres atendidas na pousada de Maria. Rev. Esc. Enferm. USP. 2010; 44(1):126-33.
- Fortuna SLA. As estratégias de enfrentamento da violência doméstica: um estudo sobre Guarapuava. ex æquo (Online). 2011 [citado em 10 jan 2017];24:139-51. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n24/n24a11.pdf>
- Adeodato VG, Carvalho RR, Siqueira VR, Souza FG. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. Rev. saúde pública (Online). 2005; 39(1):108-13.
- Vilhena CV. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. In: Anais fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos; 2010 ago 23-26; Florianópolis, Brasil. Florianópolis (SC): Universidade de Santa Catarina; 2010. p.1-9. [citado em 10 out 2017]. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603\\_ARQUIVO\\_ValeriaCristinaVilhena.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf).
- Lazarus RS, Folkman S. Cognitive appraisal processes. In: Lazarus RS, Folkman S. Stress appraisal and coping. New York (USA): Spring;1984. p. 22-54.

28. Fernandes G, Inocente NJ. Estratégias para enfrentamento (coping): um levantamento bibliográfico. In: Anais XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba; 2013 [citado em 20 dez 2017]. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2010/anais/arquivos/0570\\_0609\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0570_0609_01.pdf).
29. Fayram ES, Christensen PJ. Planning: strategies and nursing orders. In: Christensen PJ, Kenney JW. Nursing process: application of conceptual models. St. Louis (MO): Mosby; 1995. p. 164-85.
30. Zaleski M, Pinski I, Laranjeira R, Ramisetty-Mikler S, Caetano R. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. Rev. saúde pública (Online). 2010; 44(1):53-9.
31. Vieira LB, Padoin SMM, Souza IEO, Paula CC. Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. 2011; 15(4):678-85.
32. Neri AL. Palavras-chave em gerontologia. Campinas (SP): Editora Alínea; 2005.
33. Seidl EM. Enfrentamento, aspectos clínicos e sócio demográficos de pessoas vivendo com HIV/AIDS. Psicol. reflex. crit. [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 2005 [citado em 02 out 2016]; 18(2):421-9. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300010).
34. Faria MGA, David HMSL, Rocha PR. Inserção e prática religiosa entre mulheres: Aspectos protetores ao uso de álcool e violência. SMAD, Rev. eletrônica saúde mental alcool drog. 2011; 7(1):32-7.
35. Vinagre M. Cadernos crioula: impacto da violência na vida das mulheres negras junto às comunidades das religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: UNIFEM; 2008.
36. Antoniazzi AS, Dell'aglio DD, Bandeira DR. O conceito de *coping*: uma revisão teórica. Estud. psicol. (Natal). [Scielo-Scientific Electronic Library Online] 1998 [citado em 21 out 2017]; 3(2):273-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf>.
37. Fonseca PM, Lucas TNS. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. Fundação Baiana para o desenvolvimento das Ciências [trabalho de conclusão de curso]. Salvador (BA): Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública; 2006.
38. Gomes NP, Bonfim ANA, Barros RD, Silva Filho CC, Diniz MF. Enfrentamento da violência conjugal no âmbito da saúde da família. Rev. enferm. UERJ. 2014; 22(4):477-81.